

Cotação do país continua baixa

Depois de certa indecisão e de um pequeno atraso, os bancos credores conseguiram reunir as adesões finais para o pacote de reescalonamento da dívida externa brasileira, no valor de US\$ 82 bilhões, incluindo US\$ 5,2 bilhões do chamado *dinheiro novo*. Apesar de completar o acerto com os credores para ficar totalmente em dia, o Brasil ainda não consegue vender uma imagem de bom pagador, a julgar pelo mercado secundário, onde os títulos da dívida brasileira continuam em baixa.

Papéis da dívida brasileira estão negociados com desconto de cerca de 50% no mercado secundário em Nova Iorque, numa impressionante desvalorização, em relação há alguns meses. "Na verdade, é uma contradição que a situação econômico-financeira do Brasil esteja melhor, mas a reação do mercado (secundário) ainda seja negativa", disse um banqueiro novaiorquino. "Mas o problema é que não é só isso que pesa. Há fatores psicológicos e também a situação interna do Brasil, com uma inflação tão alta".

O mesmo banqueiro não acha que seja grave essa queda do prestígio — e do valor dos títulos — no mercado secundário, pois garante que ele representa somente algo ao redor de 10% da dívida global brasileira. "Esse é um mercado altamente especulativo, que é afetado por qualquer notícia que

chegue do Brasil e onde os riscos são tão altos quanto os lucros", disse outro banqueiro.

Outras fontes do mercado explicaram a queda do valor dos papéis brasileiros no mercado secundário é causada, principalmente, por três fatores básicos: primeiro, o crescimento da oferta de títulos que estavam em poder de pequenos bancos, que não quiseram entrar no pacote de reescalonamento e precisavam se livrar do que restava de seus créditos com o Brasil; segundo, a alta inflação e a instabilidade brasileira, que provocam temores de que um agravamento da crise possa levar em breve a uma nova crise na frente externa; terceiro, o aumento do diferencial entre o câmbio oficial e o negro, que estimula a prática de conversões informais tipo *bicicleta*.

Essas conversões informais que ligam o mercado secundário de Nova Iorque ao câmbio negro do Brasil têm gerado lucros extraordinários para os especuladores, mas as versões que circulam sobre essa prática são contraditórias. O certo, porém, é que a recente proibição de que as estatais continuassem fazendo conversões informais causou imediata repercussão no mercado secundário, empurrando para baixo as cotações dos títulos brasileiros, menos procurados. (R.C.A.)